

ENTREVISTA / DANIEL FILHO, ATOR E DIRETOR

‘Nelson Rodrigues, como todos os grandes autores, permanece’

Mariana Vianna/Divulgação

A estreia desta obra-prima de Nelson Rodrigues nos palcos ocorreu em 1965, com Cleyde Yáconis (1923-2013)

como Geni, prostituta que mexe com os brios de Herculano, um viúvo moralista, pai do introspectivo Serginho e irmão de um bon-vivant, Patrício. É essa raposa, cheia de dívidas, quem aproxima seu mano mais velho de Geni, detonando uma paixão que causa tétano sentimental por onde passa, devassando a hipocrisia da sagrada família brasileira – aqueles Minions que elegem falsos messias.

Para reviver essa trama, Daniel fez um filme P&B, à moda dos clássicos noir, fotografado por um Felipe Reinheimer no auge de seu trabalho com a luz, em sintonia com a direção de arte de Yurika Yamasaki. Confiou Geni à premiada Hermilla Guedes (destaque do esperado “O Agente Secreto”) e chamou (ou foi chamado por, como explica na entrevista a seguir) Otávio Müller para viver Herculano. Seu ator assinatura, Guilherme Fontes, faz Patrício, no que promete ser uma cálida atuação, assim como a de Caio Manhente, intérprete de Serginho. Já o emblemático trio chamado As Tias é encarnado por Solange Couto, Cininha de Paula e Carla Daniel (filha do cineasta).

“Daniel Filho é uma escola viva e esse seu ‘Toda Nudez...’ transcende o que a gente espera de um bom Nelson, tornando-o mais forte”, diz Claudia Bejarano, produtora associada do longa, que foi filmado no Polo Rio Cine e Vídeo, em Jacarepaguá.



A convite do realizador responsável por êxitos como “A Dona da História” (2004) e “Se Eu Fosse Você” (2005), o Correio da Manhã visitou as filmagens, numa sequência nas raías do trágico. “O uso de sombra que a gente pensou para a fotografia, a partir da ideia do Daniel, transforma o cenário da casa de Herculano como se ela fosse uma visita a um inconsciente fraturado, como se fosse o cérebro da Geni se apagando aos poucos”, disse

Reinheimer. “Daniel buscou o que existe de feminino no Nelson e imprimiu essa força em cena”.

Folheando registros oficiais da Agência Nacional do Cinema (Ancine) e do portal Filme B acerca dos longas-metragens brasileiros que passaram da marca de 1 milhão de ingressos vendidos, o nome Daniel Filho aparece oito vezes (!) na lista. Ele assina a direção de arrasa-quarteirões rodados entre os

anos 1970 e os anos 2010. Até Nordestern com Didi Mocó ele dirigiu: “O Cangaceiro Trapalhão”, de 1983. Passadas cinco décadas cravadas de um desses êxitos dele (“O Casal”, visto por 1 milhão e 300 mil pagantes em 1975), o cineasta que virou o século com status de Midas, por fabricar um blockbuster atrás do outro, analisa a experiência de filmar “Toda Nudez Será Castigada” neste papo com o Correio.